

MONTOTO, Claudio César. “Até que a morte os separe?”. *RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 19, n. 55, pp. 121-129, abril de 2020, ISSN 1676-8965.

ARTIGO

<http://www.cchla.ufpb.br/rbse/>

Até que a morte os separe?

Until death do they separate?

Claudio César Montoto

Recebido: 03.02.20

Aceito: 14.02.20

Resumo: Partindo de uma célebre frase usada no rito católico do casamento (Até que a morte os separe), o autor tece reflexões sobre o Amor (Matrimônio), o Ódio e a Morte (Luto). Parte do princípio que tanto o amor quanto a morte são construções, produtos sociais que vão se modificando ao longo dos séculos. Reflete a respeito de como está lidando com essas questões o sujeito contemporâneo na era hipercapitalista em que toda e qualquer marca que denote transcurso do tempo e de memória deve ser peremptoriamente apagada em pós do ideal do sujeito autocriado segundo o seu desejo, quem não pode ter nenhum limite, não pode aceitar nenhuma marca de castração, seja real, simbólica ou imaginária. **Palavras-Chave:** amor-ódio, matrimônio, morte, luto, mundo hipercapitalista

Abstract: Based on the celebrated phrase used in the catholic rite of marriage (Until death do they separate), the author make reflections about love (Matrimony), hate and death (mourning). It is based on the principle that both love and death are constructions, social products which modifies over the centuries. Talks about how the contemporary subject is dealing with these questions in the hypercapitalism era that every single trace that denotes passing time and memory should be peremptorily erased in an ideal post of the subject self-created by its desire, who cannot have boundaries, cannot accept any mark of castration, whether real, symbolic or imaginary. **Keywords:** Love-Hate, matrimony, death, mourning, hypercapitalism world

Introdução

“Até que a morte os separe”. Na afirmativa é, muito provavelmente, umas das frases mais citadas quando se pensa no sacramento do matrimônio, um dos sete da Igreja Católica e o único em que o padre não é o ministro e sim um oficiante em caráter de testemunha dessa união. Não obstante, neste artigo se assinala uma pergunta, ou seja, de que morte estaria se falando? Para a psicanálise resulta absolutamente paradoxal que a primeira fonte (Gênesis 2:24), das diversas¹ assinaladas a respeito da origem dessa

¹Interessante comprovar que a frase “até que a morte os separe” não consta de maneira textual em nenhuma parte da Bíblia, ou seja, nem no Antigo nem no Novo Testamento. Não obstante há várias fontes citadas como sendo a origem dessa sentença como, por exemplo: Marcos 10:2-12; Lucas 16:16; Romanos 07:2-3; 1Coríntios 07:39; Hebreus 13:04 e Malaquias 2:14, dentre elas.

frase aponte, precisamente, para a morte como ato constitutivo do matrimônio: “É por isso que um homem deixa o seu pai e sua mãe, se une à sua mulher, e eles se tornam uma só carne”². Esse versículo também consta no *Novo Testamento* (Efésios 5:31) exatamente igual. Se de dois se fazem um podemos pensar: quem desapareceu? Um dos cônjuges unido (alienado em termos psicanalíticos) ao outro ou os dois? Podemos pensar, então, que a sentença da união matrimonial já carrega o imperativo da morte na sua constituição.

Neste artigo, vamos tecer reflexões e articulações sobre: casamento, amor-ódio e morte-luto ajudados pelos instrumentais psicanalítico, filosófico e sociológico para pensar este século XXI no relacionado com os vínculos amorosos e com o lugar do outro na sociedade.

Amor, a-mor, a morte

Muitos séculos atrás, “até que a morte os separe” provavelmente tivesse bastante sentido se levarmos em conta, por exemplo, que a expectativa de vida das pessoas, na época do Império Romano, era de uns trinta anos. Um matrimônio até que o óbito os separasse, contemplado com o olhar do século XXI provavelmente significaria uma união de curta duração.

Mas, é significativo levar em conta que o matrimônio por amor é uma invenção bastante recente em termos históricos. Segundo Ferry (2012, p.78) os casamentos eram realizados por vários motivos, mas o tema do amor ficava praticamente excluído. Casavam-se:

- 1) Para assegurar a linhagem
- 2) Para a transmissão do nome e do patrimônio ao mais velho
- 3) Para fabricar braços para manter a fazenda e nela trabalhar.

Talvez nos provoque estranhamento que os matrimônios, durante muitos séculos, não se caracterizaram por ser uma escolha amorosa. Eram uma exceção, e até o grande Montaigne, (apud Ferry, p. 85) ou seja que estamos falando de quase o século 17, em um dos seus ensaios, assegurava que:

Os casamentos que não dão certo e se desequilibram mais cedo são os que começam com a beleza e os desejos amorosos. Para eles, são necessárias bases mais sólidas e estáveis, e que se caminhe com precaução. Essa fervilhante alegria não é boa.

O casamento, igual que o amor, é uma construção social. Um ponto para refletir sobre isto seria a função do amante, do adultério. Porque se os matrimônios eram arranjados por motivos externos ao amor, talvez seja válido pensar que os amantes, que muitos dos casos de adultério poderiam efetivamente serem provocados pelo amor?

Façamos um pulo e nos perguntemos: que tipo de morte separa as pessoas nos dias de hoje?

A morte física ou a morte do amor?

Há um enorme leque de motivações, mas em termos da psicanálise nos perguntamos: a) a morte da idealização?; b) a morte da paixão?; c) a morte da tentativa de completude?

Consideramos que os grandes temas que abordamos diariamente no exercício da psicanálise em nossos consultórios são unicamente dois: a morte e o amor-ódio. O resto

²*Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Editora Paulus, página 37, 2004. Foram consultadas diversas versões e todas elas apresentam pequenas diferenças, mas com o mesmo campo semântico. Por exemplo, na versão da *Bíblia, mensagem de Deus*, publicada pela editora Loyola, diz: “É por isso que o homem deixará pai e mãe, e se apegará à sua mulher, e serão uma só carne”.

se trata de variações desses dois temas principais, como na música. Castração, erotismo, relações de objeto, sexualidade etc. são, em verdade variações dos únicos temas principais: Amor e morte. Significantes que estão tão próximos no eixo sintagmático que quase se confundem. Amor, a morte. Pulsão de vida e pulsão de morte. Pulsão devida à morte? Unir, acrescentar, aumentar; e cortar, separar, diferenciar, colar, alienar.

No entanto, é importante nos debruçarmos sobre uma outra leitura da pulsão de morte que pode contradizer o que normalmente se define como tal, ou seja, estamos falando da pulsão de morte que, paradoxalmente, pode unir para fazer desaparecer.

Pode causar estranhamento, mas o *ressentimento* (que é uma variação da pulsão de morte) quiçá seja um dos fatores que mais unem, que mantém os vínculos por anos a fio porque sabemos bem que se trata de dívidas imaginárias, contraídas no período pré-edípico, que os sujeitos nunca vão conseguir pagar. Tal como gostamos de afirmar, são as duplicatas assinadas imaginariamente (segundo a leitura do outro) que nunca tem data de vencimento. Por isso se precisa sustentar o vínculo, ter o outro por perto, para cobrar se for possível diariamente, a dívida que nunca prescreve que nunca se pode quitar. Pode-se machucar, humilhar, ferir o outro, mas nunca permitir a ruptura do laço. Quando o amor acaba o ressentimento vai muito além e, frequentemente, se instaura para ficar a vida toda. O ressentimento une muito mais que o amor!

Levantamos uma questão: muito provavelmente estamos criando gerações de ressentidos. Se trata do abandono das crianças. Pela ausência quase total dos pais, sejam genitores ou qualquer adulto que deveria realizar a função materna e a função paterna devido a que estão muito ocupados e preocupados em *pertencer e serem reconhecidos* no mundo do trabalho, estes – os pais- com frequência se dedicam a tentar apaziguar a culpa –quando a sentem - e reparar a falta com a profusão de compras de objetos materiais e com discursos de idealização dos seus próprios filhos. As crianças por um estranho mecanismo de tentativa de reparação estão sendo super-idealizadas e recebem um investimento fajuto de que são, simplesmente, perfeitas, sem faltas. Carregam os ideais do Eu dos seus genitores e perante o aparecimento de um fato que indique que “não são tudo isso” se projeta o fracasso nos outros (autoridades da escola, vizinhos etc.). São eximidas de assumir as responsabilidades perante a idade que tem. Mas, o investimento libidinal de muitos adultos em seus filhos dura muito pouco. São importantes enquanto são bem pequenos porque serão motivos de centenas de fotografias postadas nos Facebook, Instagram etc.

No entanto, esses filhos super-idealizados um dia crescem (para desapontamento e ferida narcísica de muitos pais que se recusam a lidar com o envelhecimento) e se defrontam com que eles não são tudo isso que acreditavam ser. A decepção, a queda desse lugar idealizado, quando não se tiveram recursos internos para lidar, vai criar seres absolutamente ressentidos com o mundo, com a vida e com os outros. Freud (1916) nos conta com pormenores como funciona a dinâmica narcísica daqueles que se consideram “a exceção”. Nesse trabalho, Freud (1916, p.329) cita parafraseado um interessante trecho da peça *Ricardo III*, de Shakespeare:

A Natureza me causou um doloroso mal ao negar-me a beleza das formas que conquista o amor humano. A vida me deve uma reparação por isso, e farei tudo para consegui-la. Tenho o direito de ser uma exceção, de desprezar os escrúpulos pelos quais os outros se deixam tolher. Posso fazer o mal, já que a mim foi feito mal.

Podemos pensar como o ódio une. Estamos a falar da relação sujeito-objeto. Precisa-se constantemente do objeto odiado para confrontar. É diferente da agressividade que pode conter uma tentativa de distanciamento, de separação, de

ruptura. Por isso, pode ser pensado o labor ‘pedagógico’ que pode ter a agressividade, isto é, como uma tentativa de distanciamento perante o sufoco que pode ser o outro, perante se sentir engolfado pelo desejo do outro.

No entanto, o afeto primordial é o ódio. Ele é constituinte e constituidor do sujeito do inconsciente. Ele veio primeiro que o amor porque, sabemos muito bem isso na prática clínica, o amor é uma produção social. O ódio é o afeto fundamental para reconhecer o mundo externo, o outro, aquilo que assinala a lógica do eu-não eu a partir da intrusão da diferença. Lacan (1963, p.198) nos lembra que o amor é um fato cultural. Portanto, o afeto primordial é o ódio. Depois aparece o amor em caráter de produção, um produto da cultura que vai se modificando segundo a época. O amor não é algo natural, genuíno e sim um derivado de um afeto fundamental: o ódio.

Mais uma vez a psicanálise vai totalmente de encontro ao discurso religioso que coloca o amor como um “primeiro motor aristotélico” da existência humana. Desde os Padres da Igreja, como santo Justino (100-106 d.C.) com o conceito de *Logos Spermatikós* [λόγος σπερματικός] que o tirou dos estoicos (a semente do Logos, do verbo, do amor divino que carrega todo ser humano desde o nascimento porque Deus lhe deu esse atributo amoroso), passando por Santo Agostinho (Apud HAMMAN, p.236) que afirma o seguinte:

Não existe pessoa que não ame: mas que é que se ama? Não se exige que deixemos de amar, porém, que escolhamos o objeto de nosso amor. Ora, porventura, seríamos capazes de escolher se não tivéssemos sido escolhidos primeiro? Só amamos quando somos os primeiros a ser amados.

Até chegar aos escolásticos (Alberto Magno, Tomás de Aquino etc.) com a sua máxima: *Nihil volitum quin precognitum*. Não se pode desejar o que não foi conhecido antes. Todos eles defendem que: Amamos porque fomos amados antes por Deus.

A Psicanálise se opõe a essa visão religiosa e defende que no mais íntimo do nosso ser vamos encontrar unicamente: o ódio. Ele é o afeto para se defender do outro, do mundo exterior, do semelhante que provoca o conflito com o narcisismo, das diferenças cada vez que aparecem como uma provocação para pensar se as próprias escolhas estão corretas etc. Constitui o nosso grande e primeiro paradoxo: desejamos viver junto com os outros, temos o espírito gregário ou até um desejo exacerbado, nos tempos de hoje, de uma massificação, mas ao mesmo tempo que desejamos o laço social, fazemos de tudo para nos resistirmos a isso. Tal como nos lembra Sartre ([1943] 1997, p. 455-457) ao afirmar que o amor é um conflito incurável, que a união com o outro é impossível porque, no caso de se poder realizar implicaria necessariamente o desaparecimento do caráter de alteridade do outro. Ou desaparece um ou o outro. O amor de completude é necessariamente excludente.

Lacan defende, em mais de um seminário, que as três paixões do Ser são o amor, o ódio e a ignorância. Se trata de três paixões que tentam apagar as *diferenças*, que negam o exercício da *alteridade*. Essa é a finalidade da paixão! O amor de paixão apaga a alteridade do outro; o ódio tenta fazer o outro desaparecer para não lidar com o diferente e a ignorância não quer saber nada de que haveria outras formas que não sejam o Eu. Phillips (1998, P.75-78) nos lembra que o conhecimento sempre é anti-erótico porque conhecer significa se desapontar. Talvez por isso as paixões amorosas durem tão pouco tempo. Para se apaixonar somente deve se preencher um só requisito: a ignorância. Não saber nada do outro permite projetar todas as idealizações, os ideais do Eu do sujeito para tentar tampar a hiância fundamental, o abissal abismo das diferenças que nos separa do outro.

Acabamos de enunciar duas questões que estão do lado da pulsão de vida, do lado de Eros: as diferenças e a alteridade. Mas, por que defendemos que as diferenças e a alteridade fazem parte da pulsão de vida? Porque são operadores para construir laços, vínculos válidos a partir da diferença.

Se relacionar com o igual, será um vínculo ou simplesmente uma projeção de si mesmo, uma espécie de espelho em que se espera ver a própria imagem refletida? Se amar no outro? Talvez os vínculos, especialmente no nosso século XXI, apontem para uma duplicação do mesmo e não para um acréscimo que pode significar a alteridade.

A tentativa de se relacionar com o igual poderia verdadeiramente ser chamada de vínculo?

O filósofo coreano Byung Chul Han (2017, p. 08; 11) nos lembra que estamos vivendo em uma época caracterizada pelo “inferno do igual”. Esse é o inferno, diz ele, que vai igualando cada vez mais a sociedade atual e que por isso já não mais nos encontramos com a experiência erótica. “O Eros possibilita uma experiência do outro na sua alteridade, que o resgata do inferno narcisista”, afirma Han.

Este autor afirma que estamos na *sociedade do desempenho* que supera a antiga sociedade do Controle na qual tanto se debruçou Foucault, que pode ser sintetizada na lógica binária de Vigiar e Punir. Tratava-se de igualar, de excluir todos os ‘anormais’, aqueles que não estão adequados com a regra. Para isso estavam os hospitais psiquiátricos e as cadeias.

Agora, neste século XXI, segundo Han (2015) estamos na sociedade do desempenho e do poder, entendendo por poder o que o sujeito contemporâneo acha que efetivamente pode, que depende única e exclusivamente de si mesmo. Nessa sociedade não há lugar para as diferenças. Mas, o controle não é exercido por esse grande Outro. É o próprio sujeito que se exige, por uma *hiperinflação do imaginário*, um desempenho sem limites, o que o converte em dono, e logo, em escravo de si mesmo. Trata-se de uma mercadoria para ser vendida, como afirma Bauman (2008).

A experiência erótica é o que nos permite nos desconhecemos na nossa singularidade efetivamente por desconhecer esse outro que nunca conseguiremos abranger, que sempre será diferente, outro, singular, inefável. Amando sempre vai faltar algo fundamental do outro e de nós mesmos. O amor vem como suplência à (não) relação sexual, afirma Lacan (1985, p. 62). O amor como suplência de algo que falta, algo que é da ordem da impossibilidade. O amor aparece quando o primeiro elemento constitutivo, o ódio deixa o espaço vazio. Amor e ódio, ou *amódio* como diz o neologismo lacaniano estão sempre unidos em uma articulação dialética. Não há um sem o outro. Trata-se da bivalência, termo preferido por Lacan em vez de ambivalência. Tudo o que se ama é porque também se odeia. Tudo o que se odeia é também porque se ama. Vejamos a citação de Lacan (1985, p. 122) a respeito do *amódio*:

O que, para vocês, eu gostaria de escrever hoje como a *hainamoration*, uma enamoração feita de ódio (*haine*) e de amor, um *amódio*, é o relevo que a psicanálise soube introduzir para nele inscrever a zona da sua experiência. Era, da sua parte, um testemunho de boa vontade. Se pelo menos ela tivesse sabido chama-lo com outro nome que não esse, bastardo, de ambivalência, talvez ela tivesse tido mais sucesso em revelar o contexto da época em que ela se insere... É aí que a psicanálise nos incita a esse lembrete de que não se conhece nenhum amor sem ódio.³

³Sublinhado no original.

Lacan chegou a esta leitura a partir do texto de Freud (1915) sobre *As Pulsões e seus destinos* em que o pai da psicanálise defende que não há um e sim três opostos do amor:

- 1) Amar – Odiar
- 2) Amar – Ser Amado. Portanto, Ativo – Passivo, e
- 3) Amar e Odiar tomados em conjunto são o oposto da indiferença

Precisamente, a primeira parte do terceiro oposto, isto é, o amor e o ódio juntos é o que Lacan descreve como amódio. Talvez, possamos nos questionar se esta seria uma boa tradução porque, se levarmos em conta que o ódio vem primeiro que o amor: por que amódio e não, por exemplo, ódiomor?

Ódio-mor!!

Como uma exemplificação, a modo de metáfora, pensamos no percurso de Santo Agostinho. Por vários anos, antes da sua conversão, Agostinho foi maniqueísta. Defendia os postulados das duas forças, do Bem e do Mal em luta constante para prevalecer uma delas. Após a sua conversão ao Cristianismo o que aconteceu com Agostinho? Precisamente a reversão no seu contrário. Impossível não fazer a analogia com um dos quatro caminhos da pulsão: a transformação no seu oposto. Converteu-se em um grande adversário dos maniqueístas.

Agostinho se defrontou com o que parecia ser um muro intransponível. A existência do Mal no mundo. A solução ou a proposta de explicação que ele encontrou foi a de afirmar que o Mal não é. Que não tem a mesma categoria que o Bem. Que o Mal somente aparece perante a ausência do Bem.

Assim, podemos pensar o Ódio: o vazio perante a sua ausência que, mediado pelo mecanismo de sublimação, pode ser preenchido pelo afeto de Amor.

Neste conturbado século XXI detectamos um grande sintoma social: o fracasso da sublimação. Talvez por isso, apareça tanto a cultura da Intolerância, o produto derivado do ódio.

Hoje estamos igualando tudo, tudo por baixo até sermos todos *Um*: consumidores. Para isso, é necessário apagar toda e qualquer marca que indique diferença (pulsão de vida) e finitude (pulsão de morte).

A morte silenciada

O teólogo Rubem Alves, dizia que “quem não se torna sábio ouvindo o que a Morte tem a dizer está condenado a ser tolo a vida inteira”.⁴

Mas, quem está disposto a falar e a ser ouvido sobre a morte?

Phillipe Ariès (2003) nos lembra que no século 19 o tema tabu que poucos ousavam discutir era o tema do sexo. Nos séculos 20 e 21 o tabu é a morte.

Não é de bom tom abordar esse assunto. Se alguém se atrever, provavelmente vai ouvir para mudar de assunto, que isso é muito chato, muito na fossa ou que ele mesmo é um cara chato ou depressivo.

Negar, silenciar tudo o que nos assinala a finitude, a castração é um tema de meridiana importância para o mundo de hoje.

Um dos grandes postulados do mundo hipercapitalista é que *Tempo* e *Memória* devem obrigatoriamente serem apagados da vida dos sujeitos. Nem passado nem futuro: hoje! Para poder apostar na ideologia da autocriação (que o desejo não tem limites, que se pode ser o que se deseja porque somente basta com querer) é peremptório que se apague toda e qualquer marca que indique o passo do tempo. Proibido ostentar rugas, cabelos brancos, pele flácida ou qualquer índice que indique o passo do tempo. Proibido

⁴Retirado de <http://www.rubemalves.com.br/tuneldotempo.php>. Acesso em 11.06.2012.

aceitar que há uma memória pessoal e uma memória geracional. O postulado da autocriação não pode aceitar que somos o produto de gerações e gerações que nos precederam e que há uma herança psíquica que é transmitida. O desejo é sem limites porque a hiperinflação do imaginário não aceita a castração. Por isso, somos o segundo país no mundo em realizar cirurgias plásticas, mas não reparatórias como produto de acidentes ou deformidades congênicas e sim, por exemplo, lipoaspiração, aumento de mamas, lifting de mamas e abdominoplastias.

Anos atrás se falava da Velhice, logo passou a ser chamada Terceira Idade, depois com o mundo politicamente correto passou a se chamar a Maturidade, e hoje em dia se fala da Melhor Idade. Provavelmente seja a melhor idade para morrer. Os sites de procura de emprego demonstram que quando se preenche um currículo se for digitada uma idade maior que 40 anos esse currículo retorna com uma mensagem automática comunicando que o perfil não está adequado às necessidades do mundo corporativo.

Tempo e memória, os dois grandes operadores para o processo de elaboração de um luto.

Na verdade, devemos falar em lutos. Todo câmbio, toda mudança na vida do sujeito demanda que se faça um processo de luto. Aparece a pergunta fundamental que fazemos nos consultórios cada vez que um analisante passa por um luto: o que você perdeu junto com o objeto que foi embora? O que de você foi junto com o objeto que desapareceu?

Esse é um limite que contradiz todos os postulados do nosso mundo contemporâneo porque nos assinala o fracasso do poder ilimitado do sujeito contemporâneo. Há um limite, há uma impossibilidade, há uma roca que não se pode vencer.

O resultado da negação da morte (título do livro do Ernest Becker) é o silenciamento do sujeito. As consequências desse complô do silêncio são catastróficas. Complô do silêncio foi um termo criado pela tanatóloga Elisabeth Kübler-Ross (1998) para definir as famílias que ocultam com orgulho uma doença terminal para o próprio enfermo que tem que simular que está bem ou que nada acontece para poupar os familiares de lidar com a morte. Perde-se assim a possibilidade de poder passar a limpo toda uma vida, saldando dívidas e declarando os afetos. Nada de despedidas gradativas porque o ideal é morrer isolado, entubado na UTI e, de ser possível que a cremação possa ser realizada poucas horas após isso.

Da morte não se fala!

As perdas não devem ser trabalhadas porque para isso está a fluoxetina.

Todo e qualquer traço de tristeza ou episódio de sofrimento deve ser rotulado de depressão e ser devidamente medicado. Para muitos profissionais, todo processo de luto que dure mais de um ano constitui um luto patológico e por consequência deve ser medicado. No entanto, podemos refletir que o processo da elaboração do luto é uma via de mão dupla. Avanços e retrocessos constantes ao longo da vida porque é suficiente com uma música, com um perfume, com uma determinada data para que voltem a aparecer traços dolorosos da perda. Não se trata de superar o luto e sim de aprender a conviver com essas faltas que vão nos acompanhar enquanto vivamos.

Só se consegue lidar melhor com toda e qualquer perda: falando. Simbolizando com palavras a dor para que não fique recalçada e, portanto, para não retorne no real do corpo em forma de doenças, acidentes domésticos, alergias e outras manifestações. Colocando para fora o sofrimento para conseguir se ouvir e, no melhor dos casos, ser ouvido. Talvez por isso, continua vigente a monumental pesquisa, transformada em livro, do Koury (2003) quem, após percorrer as 26 capitais dos diversos Estados brasileiros e o Distrito Federal, entrevistando a bem mais de um milhar de pessoas com

um questionário fechado e um aberto (algumas das entrevistas duraram mais de oito horas de conversação), transformou esse material em estatísticas que mostram de forma contundente mais um grande paradoxo do mundo capitalista vivenciado pelo sujeito urbano.

Vejam a contradição do homem urbano contemporâneo brasileiro: 1) Perante a pergunta a respeito do que se deve fazer, que comportamento ter, quando uma pessoa está vivenciando um processo de luto, o 77,60% dos entrevistados defendeu que é necessário ser discreto. Essa discrição significava não tocar no assunto, não mostrar a dor para os outros. 2) Perante a pergunta do que fazer quando o outro está passando por um luto, 72,01% mencionaram que era para não importunar. Não incomodar significava também não abordar a dor do outro nem manifestar o desejo de saber sobre o sofrimento do outro. A grande contradição aparece no momento em que se pergunta como passou cada um por esse processo e o 84,62 % se queixaram de uma grande solidão.

Portanto, não falar da morte nem perguntar ao outro pelo seu sofrimento consiste em uma lei implícita. Mas, o resultado é um aumento elevadíssimo da solidão. Claro que 82,82% dos entrevistados disseram que se refugiaram no trabalho para lidar com o luto. Em síntese, o luto fica silenciado, negado e até recalcado. Fazer de conta que está tudo bem, que “já superei”, que “a vida continua”, esses são mais postulados do mundo hipercapitalista para apagar toda e qualquer marca de finitude.

O ideal de felicidade é aquilo que tem que ser mostrado, nas redes sociais e na vida “real” para os outros. Quiçá isso signifique estar morto antes de tempo. Destruir o mundo emocional para preencher um ideal absurdo de um constante bem-estar. Não é de estranhar que numerosos sujeitos contemporâneos funcionem como num mecanismo de impulso→descarga, em um processo primário que está isento de negociação entre as três partes (Eu-Super-eu e Isso) do aparelho psíquico.

Um texto de Lacan (1998, p. 197-213) pode nos servir para pensar neste sintoma social. Lacan enuncia três etapas na negociação psíquica perante o impulso que afeta o aparelho psíquico.

1) Instante de ver; 2) Tempo de Compreender e 3) Momento de concluir.

Perante esse postulado, podemos pensar em uma forma de lidar progressiva, isto é: 1) I; 2) T e 3) M.

Defrontar-se com o que afeta; um tempo para compreender do que se trata; e um momento de concluir.

Não obstante, podemos pensar em uma outra forma que se articula com o tempo lógico e cronológico:

1) I; 3) M e 2) T. [Instante de ver, Momento de concluir e posteriormente o tempo para compreender a ação interna ou externa].

A pesar disso, é muito frequente ver os sujeitos funcionando da seguinte forma:

1) I; 3) M e X

Do Instante de ver se passa ao momento de concluir e fica apagado o processo de reflexão para o Tempo de Compreender. Uma série infinita de ver e concluir, ver e concluir... e o sujeito fica apagado.

Talvez por isso possamos valorar tanto a frase, mencionada por Loparic (1999, p.04) cuja autoria seria de Donald Winnicott: “Tomara que a morte me encontre vivo”. Não morrer psíquica e emocionalmente antes de tempo. Para isso se necessita trabalhar a finitude, olhar de frente e de perto toda e qualquer marca de castração. Conviver com as diferenças em um constante desafio de sublimar a intolerância. Mais um sintoma contemporâneo: o fracasso da sublimação. Vivemos a era das estatísticas, dos

resultados, da quantidade em detrimento da qualidade dos vínculos e os atos. Então: Que possamos estar vivos até o último instante das nossas vidas!

Referências

- ARIÈS, Phillipe. **História da morte em ocidente**. Da Idade Média aos nossos dias. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo**. A transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. 3ª. reimpressão São Paulo: Editora Paulus, 2004.
- BÍBLIA, Mensagem de Deus. São Paulo: Edições Loyola, 1989.
- FERRY, Luc. **A Revolução do Amor**. Por uma espiritualidade laica. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.
- FREUD, Sigmund. Os Instintos e suas vicissitudes [As pulsões e seus destinos]. (1915). **Obras Completas**. ESB. Volume XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, Sigmund. As ‘Exceções. In: Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho psicanalítico (1916). **Obras Completas**, ESB. Volume XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- HAMMAN, Adalbert. **Os padres da igreja**. 3ª. edição. São Paulo: Paulinas, 1980.
- HAN, Byung Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2015.
- HAN, Byung Chul. **Agonia do Eros**. Petrópolis: Vozes, 2017.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **Sociologia da emoção**. O Brasil urbano sob a ótica do luto. Petrópolis: Vozes, 2003.
- KÜBLER-ROSS, Elisabeth. **A Roda da vida**. Memórias do viver e do morrer. Rio de Janeiro: GMT, 1998.
- LACAN, Jacques. O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada. Um novo sofisma. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998
- LACAN, Jacques. **O seminário**. Livro 10. A angústia (1962-1963). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005).
- LACAN, Jacques. **O seminário**. Livro 20. Mais, ainda. (1972-1973). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.
- LOPARIC, Zeljko. É dizível o inconsciente? **Natureza humana**, v. 1, n. 2, pp. 323-385, 1999.
- PHILLIPS, Adam. **O amor**. In: *O Flerte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SARTRE, Jean Paul. **O ser e o nada**. Ensaio de ontologia fenomenológica (1943). Petrópolis: Vozes, 1997.

